

AMIZADE E PATRONATO: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO DE VELÉIO PATÉRCULO E MARCO VINÍCIO (sec. I d. C.)

Alice Maria de Souza¹

Resumo: Neste artigo apresentamos o autor antigo Veléio Patérculo, seu contexto e sua obra *História Romana*, que foi dedicada ao Cônsul de 30 d.C., Marco Vinício. Se a amizade entre o autor e o Cônsul, ou se a relação de patronagem entre os mesmos influenciou Veléio na decisão sobre esta dedicatória é a discussão central deste texto.

palavras-chave: amizade, patronato, Veléio Patérculo, Marco Vinício.

Résumé: Cet article présente l'auteur Velleius Patérculus, son contexte et son travail Histoire romaine, qui a été consacrée au consul de l'an 30, Marcus Vinicius. Si l'amitié entre l'auteur et le consul, ou la relation de patronage entre eux, avait influencé Velleius dans le choix de ce dédicace est la discussion central de cet'article.

mots-clé : amitié, patronage, Velleius Paterculus, Marcus Vinicius.

Nascido entre os anos 19 e 20 a.C. (SUMNER, 1970, p. 275), Marco Veléio Patérculo iniciou sua participação na vida pública romana em 2 a.C. (BROWDER, 1989, p.268) e, como o avô, desfrutou de uma razoavelmente rápida promoção da Ordem Equestre para a Senatorial (SUMNER, 1970: 265). Há registros de que ele, assim como seu pai, serviu como oficial de cavalaria sob o comando do futuro Imperador Tibério na Germânia no ano 4 d. C., e mais tarde na Panônia, na Trácia, na Macedônia, na Acáia e na Ásia, tendo com isto conhecido bem o território do Império e o funcionamento da máquina militar Romana. Veléio nos informa que

Depois de finalizar meu serviço militar próprio de cavaleiro, fui designado Questor e, sem ser, no entanto Senador, fui elevado ao nível dos Senadores, inclusive dos que foram designados Tribunus da Plebe; fui de Roma para entregar a seu filho uma parte do exército que me confiara Augusto. Depois da Questura, declinando eu a sorte de uma magistratura provincial, Augusto me enviou novamente para servir como Legado no exército de Tibério (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 111).

Sua família era da Campânia e seu histórico indica grande influência militar e política em seu passado. Emma Dench (2005, p.119) considera sua história um exemplo do seletto grupo de membros das altas camadas sociais da Península Itálica que

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES. Email: asspqr@gmail.com

entraram para o Senado romano no final da Guerra Social. Seu avô paterno, Gaius Velleius, era um cavaleiro romano que serviu a Gnaeu Pompeius, como *Prefectus Fabrum*, e foi um dos 360 juízes especiais selecionados por Pompeu (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 76) para combater a corrupção em 52 a.C., sendo um dos líderes da Ordem Equestre daquele tempo. O ato final de sua vida, em 41 a.C., se envolveu na tentativa de derrubada do Triúnviro Otávio, conhecida como Guerra da Perúsia; no ano seguinte cometeu suicídio, enquanto Nero, Lívia e o infante Tibério fugiam para Nápoles (SUMNER, 1970, p. 263-264). Um de seus dois filhos foi partidário de Otávio e ascendeu à Ordem Senatorial; o outro, pai de Veléio Patérculo, permaneceu na Ordem Equestre e, em 4 d.C., foi sucedido pelo filho como Prefeito de Cavalaria no exército do Reno (SUMNER, 1970, p. 264).

A sua ascendência materna também apresentava membros ilustres. Seu bisavô lutou na Guerra contra Aníbal, foi feito prisioneiro na batalha de Cannas, mas conseguiu fugir e se refugiou no Egito (TITO LIVIO. *História de Roma XXIII*, 7, 10). O neto deste, Minatius Magius de Eclano, lutou na Guerra Púnica e foi premiado com a cidadania romana e a Pretura de seus filhos, um dos quais foi, mais tarde, o avô materno de Veléio (SÁNCHEZ MANZANO, 2001, p. 08).

G. V. Sumner (1970, p. 271-272 e 274-275) afirma que a promoção à Questura ocorreu pela influência de Marco Vinício e de Tibério, e que Veléio também foi Prefeito de Cavalaria de Tibério durante a campanha do Reno e acompanhou seu triunfo pela Guerra da Ilíria, em 12 d. C. (SÁNCHEZ MANZANO, 2001, p.08-09). Somente depois destas campanhas, Veléio, juntamente com seu irmão, assumiu uma cadeira no Senado, quando ambos foram eleitos Pretores em 14 d. C., estando inscritos na lista dos *candidati caesaris* que havia sido originalmente arranjada por Augusto e que, depois da morte deste, foi formalmente confirmada pelo novo Imperador. Este fato indica que sua candidatura era apoiada pelo Imperador e, segundo o próprio autor, ele e seu irmão eram os únicos presentes nesta lista e, assim, os únicos possuidores de tal apoio (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 124).

Não há menção sobre ele ter desempenhado os cargos de Tribuno da Plebe ou de Edil, mas ele pode ter sido excetuado do *cursus* devido a seu prolongado serviço militar (SUMNER, 1970, p.274). Veléio Patérculo morreu algum tempo depois da conspiração de Sejano, deixou dois filhos e provavelmente uma fortuna substancial para

ambos seguirem normalmente uma carreira senatorial até o Consulado (SUMNER, 1970: 297). Entretanto, existe a suspeita de que ele foi vítima das proscricções desencadeadas pela conspiração de Sejano, em 31 d.C. (SANCHÉZ MANZANO, 2001, p. 09).

O contexto em que Veléio produziu sua obra concerne ao governo de Tibério, caracterizado por uma grave crise política. Uma atmosfera de conspirações e disputas de poder envolvia esta época, que ainda configurava o período de transição entre República e Principado. A sucessão de Augusto não foi tranquila: como não teve filhos homens, apenas Júlia, uma mulher, o Príncipe teve de procurar um sucessor. Quando Augusto morreu, em 14 d.C., restavam Tibério e Germânico como possíveis sucessores, mas Tibério assumiu por ser o único com idade suficiente (GRIMAL, 1993, p. 83-84). Apesar de Augusto permanecer preocupado com o futuro do Império, ao fim, seu herdeiro não foi nenhum de seus escolhidos, muito pelo contrário: Augusto não se resignava a apresentar e a considerar Tibério como seu sucessor (GRIMAL, 1993, p. 84).

Em 14 d.C., quando assumiu o poder, Tibério Cláudio Nero (42 a.C. – 37 d.C.) tinha 55 anos, uma carreira de sucesso como Senador e grande prestígio como soldado (GOODMAN, 1997, p. 47), mas existiam muitas dúvidas sobre seu caráter e competência. Para alguns, a sua reserva dissimulava altivez e arrogância ou até uma tendência para a crueldade e perversão (SHOTTER, 2004, p. 01). Tibério inicialmente não aceitou os títulos Imperiais e propôs a restituição do poder ao Senado; o que foi interpretado como demonstração de hipocrisia do Imperador, que agiu de maneira dissimulada ao rejeitar o que desejava em segredo. Assim, iniciou-se a formação da imagem do novo Príncipe que se eternizaria na história: tirano pérfido e sanguinário (GRIMAL, 1993, p. 85). Esta rejeição inicial também levantou a questão da ilegitimidade do governo, que contribuiu para a precariedade das relações Imperiais: a sucessão Imperial não se baseava na hereditariedade.

O fato de o Imperador adotar o escolhido para sucedê-lo no poder, na dinastia Júlio-Cláudia, tinha a função de vincular o futuro Imperador à família de Augusto, mas não era suficiente para legitimar a sucessão. Segundo Paul Petit (1989, p. 216 - 217), eram necessários processos e atos oficiais para criar o direito à direção do Império, porque o Principado era formado de *potestates* e *auctoritates* advindas de

magistraturas intransmissíveis por definição. Em última instância, a hereditariedade e a adoção escolhiam o sucessor, mas não o designavam diretamente.

O relato de Veléio Patérculo a respeito de Tibério é rico em elogios e demonstra a crença de que este possuía as características de um Imperador desde sempre, como se fosse predestinado. Este é apresentado, na *História Romana*, como um general experiente e um político clemente, ou seja, o melhor líder político que o Império poderia desejar (SOLODOW, 1999, p. 380). Veléio nos informa sobre a origem, características pessoais e a carreira de Tibério, antes de se tornar Imperador. Segundo ele, o filho adotivo de Augusto foi educado pelos mestres mais destacados, era um jovem muito afortunado por seus antecedentes familiares, pela forma e excelência do seu corpo e por sua grande preparação cultural e notável inteligência. Na ótica de Veléio, Tibério só não se igualou a Augusto em número de Triunfos porque assim desejou. Ele também afirma que Augusto não teve dúvidas sobre quem eleger para seu sucessor; e sua associação na magistratura Tribúncia foi favorável a todos (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 103). Isto demonstra em que nível de adulação e lealdade a obra de Veléio Patérculo está inserida; talvez voluntariamente ou como produto da propaganda Imperial.

Em linhas gerais, o governo de Tibério foi marcado por uma péssima relação com o Senado. Apesar de ter amigos e apoio particular de Senadores, a história das relações de Tibério com a casa senatorial foi envolvida por uma atmosfera de medo, suspeita e hostilidade, que se estabeleceu desde muito cedo em suas transações, ainda que Tibério parecesse realmente ter desejado ver o Senado como um honesto parceiro nos negócios do Estado (SHOTTER, 2004, p. 27-28).

Este esforço para estabelecer uma parceria com o Senado caracteriza a primeira metade do governo de Tibério: momento em que as relações entre as duas principais instâncias governamentais foram baseadas no respeito tradicional pelo Senado e pela sua independência de espírito. Isso porque Tibério empenhou-se para manter a integridade do Senado e dos magistrados, acreditando claramente ser um *Princeps* tradicional, ou seja, o membro do Senado mais prestigiado. De acordo com instruções deixadas por Augusto, Tibério reforçou o poder do Senado ao transferir o direito de eleger os magistrados do povo para os Senadores (SEAGER, 2005, p. 105).

Barbara M. Levick (1999, p. 72) afirma que este foi o primeiro ato do novo Príncipe, consistindo em um plano para que o Senado fosse supremo em sua própria casa.

Entretanto, a cooperação entre Imperador e Senado foi rara e, como justificativa para o fracasso das boas intenções de Tibério, os autores assinalam a sua reputação anterior a ascensão ao poder: ele era tido como um arrogante e hipócrita que se tornou Imperador contra o melhor julgamento de Augusto. Sua *auctoritas*, essencial para o sucesso nas relações com a elite, foi assim minada antes de seu governo ter começado (SHOTTER, 2004, p. 28-29). Devido a este fracasso no estabelecimento de boas relações com o Senado e pela morte de seus contemporâneos, o Príncipe se encontrava cada vez mais isolado e dependente de um homem de sua confiança (SHOTTER, 2004, p. 48). Em 21 d.C., o Imperador se retirou para a Campânia, passando a governar através de Sejano; em 26 d.C. foi para Capri, onde ficou até sua morte, em 37 d.C., nunca retornando a Roma (GOODMAN, 1997, p. 49).

Este segundo momento do governo de Tibério foi caracterizado pelo uso indiscriminado da Lei de Lesa Majestade, que era remanescente do fim da República e dizia respeito aos atos de traição. A lei foi revisada por Augusto e passou a prever punição também para palavras de traição, escritas ou faladas, não apenas contra os interesses do Estado, mas também para afirmações ou atos que atingissem o Príncipe ou sua família (SHOTTER, 2004, p. 32-33). Em última análise, esta lei também serviu para sufocar qualquer oposição ao regime identificada, muitas vezes, na literatura, na política e na religião (GIL, 1989, p. 129 e 142). O Imperador passou a ser visto como inimigo do Senado: embora multiplicasse os gestos de generosidade para com os Senadores que já não dispunham de recursos para manter a sua categoria, ele se recusava a prestar contas das suas decisões e das suas ações que, assim, pareciam um efeito de decisões arbitrárias (GRIMAL, 1993, p. 85).

Tibério morreu em 37 d.C, provavelmente sufocado pelos cobertores por obra de Macro, o homem que assumiu o posto de Prefeito do Pretório após a morte de Sejano. Ele forçou os soldados presentes a prestarem juramento a Calígula, que imediata e oficialmente foi proclamado Imperador pelo Senado, pela atribuição do Poder Tribunicío, principal insígnia imperial desde Augusto (GRIMAL, 1993, p. 86-87).

O governo de Tibério não marcou nenhuma reversão às práticas da República. No campo da legislação social, o Imperador parece ter sido motivado pelo

desejo de preservar a dignidade tradicional das altas ordens no Estado (SEAGER, 2005, p. 115-117). Neste período, não surgiram novas formas de relações sociais que pudessem modificar a estrutura social de Roma, já que a estrutura econômica permaneceu a mesma em seus traços mais significativos (continuou basicamente agrária, apesar do crescimento do comércio). A implantação do governo Imperial como força de enquadramento político e a emergência da Casa Imperial levaram a uma redefinição parcial de algumas camadas sociais no que diz respeito à sua função e posição relativas.

No âmbito sócio-cultural, Tibério seguiu o modo de conduta de seu antecessor, coerente com as necessidades intrínsecas do Principado e que visava dar maior coesão e unidade ao Império. Assim como no governo de Augusto, a propaganda oficial se esforçou em representar os Príncipes como *restitutores* ou *conservatores rei publicae* (GIL, 1961, p. 125). A literatura desse período reflete bem isso (GOWING, 2005, p. 32): na *História Romana* de Veléio Patérculo não há a ideia de ruptura entre República e Principado. Este se diferenciava daquela pela elevação do *Princeps* e era apenas uma maneira de restabelecer e manter a República, não uma nova forma de governo (GOWING, 2005, p. 34-35). Não podemos, por isto, afirmar que a obra de Veléio fez parte da propaganda oficial do governo, sendo muito mais um discurso de lealdade ao Imperador (FANTHAN, 1996, p. 129).

O controle e supressão da memória, considerada potencialmente perigosa pelos romanos, tornou-se um componente crucial da autoridade política durante o Principado, cuja memória era seletiva (GOWING, 2005, p. 12). Tibério deixou claro, assim que assumiu o poder, que o controle da memória seria importante em sua agenda (GOWING, 2005, p. 28). A literatura produzida durante o governo de Tibério, segundo Allain M. Gowing (2005, p. 32), era essencialmente histórica e explicitamente designada para promover a memória oficial. Isto se justifica pelo já referido controle da memória, pois o período que abrange os governos de Tibério e Augusto constituiu a transição entre as guerras do fim da República e o estabelecimento de uma nova lógica sócio-administrativa romana. A memória, em períodos como este, sempre convida a comparações com o passado (GOWING, 2005, p. 30), o que seria muito perigoso no início do Império.

Neste contexto permeado por intrigas palacianas, pela atuação da propaganda oficial e pelo controle da memória, Marco Veléio Patérculo escreveu sua *História Romana*. Este relato do passado romano apresenta traços que refletem o contexto de sua produção, sendo o principal deles a sua peculiar interpretação dos tempos republicanos e o desejo de apresentar o Imperador como predestinado à direção do Estado e mantenedor da *Res publica*.

A obra de Veléio Patérculo não sobreviveu intacta ao tempo. Originalmente escrita em latim, era composta por um prefácio – em que constavam as poucas informações autobiográficas do autor – e dois livros que abarcavam desde o fim da Guerra de Tróia até os dias contemporâneos a Veléio. A *História Romana* provavelmente começava com a Guerra de Tróia, não apenas porque Veléio era fascinado por histórias de fundação, mas também porque este foi um importante evento com óbvia relevância para Roma, pela fuga de Enéias, além de ser um ponto de partida padrão para as narrativas históricas (STARR, 1981, p. 163). A obra é valiosa por seus retratos e pelos capítulos que tratam da evolução da literatura latina, descrita, pelo autor, com sendo constituída de gerações de gênios impossíveis de serem superados, mas cujas tentativas de imitação e superação contribuíram para o crescimento de outras áreas da literatura (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 16-17).

A primeira parte da obra, que diz respeito às origens de Roma e sua história até o fim da República, é formada pelo primeiro livro e o segundo até o capítulo 41. Para escrevê-la, o autor certamente consultou outras obras históricas que ele menciona ocasionalmente. Veléio faz referência, por exemplo, aos *Anais* de Emílio Sura quando se refere aos grandes Impérios anteriores a Roma (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 06); e a Quinto Hortêncio Hortalo, ao falar da guerra social e da participação de um antepassado seu (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 16). Para tratar de homens ilustres, Veléio se inspirou em documentos biográficos-panegíricos conservados nos arquivos das grandes famílias; assim ele pode ter se servido das *Vitae* de Cipião Emiliano, de Múmio e de Druso (SÁNCHEZ MANZANO, 2001: 12-13).

A segunda parte da *História Romana*, que abrange o livro II, a partir do capítulo 42, se concentra no estabelecimento do Principado e de suas principais personagens: César, Otávio e Tibério. O relato é parcial em relação aos Césares e beira a adulação quando trata de Tibério. A sua interpretação da História recente centra-se na

celebração da pacificação interna e na supressão da Guerra Civil iniciada por César e concluída por Augusto, de cuja política Tibério é continuador e concluinte. Nesta parte do relato há coincidências com a obra de Apiano, e com a de Tito Lívio, apesar de não haver a referência direta de Veléio a estes autores. O autor também se serviu de testemunhos orais para tratar de épocas próximas à sua vida, sendo ele mesmo uma destas testemunhas. Veléio utiliza a primeira pessoa para falar de fatos dos quais ele participou (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 104), além de se referir às reações que o povo demonstrou frente aos fatos narrados (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 103). Veléio também consultou documentos oficiais, como as *acta senatus* e as *acta publica*, além de documentos militares e arquivos Imperiais, para escrever sobre sua época. Para embasar seu relato sobre o início do Principado, Veléio consultou as *Res Gestae* – que compreendiam o testamento de Augusto e o relato de todos os feitos de seu governo – e os *Comentarii* do Príncipe (SÁNCHEZ MANZANO, 2001, p. 13).

Aos nossos dias, apesar dos esforços de conservação e restauração, chegaram fragmentos do primeiro livro e o segundo livro bastante conservado. Por aquilo que se expressa como título na cópia encontrada na biblioteca da Universidade da Basiléia em 1835 (*Vellei Paterculi ad M. Vinicium libri*) e, segundo A. J. Woodman (1975, p. 275), pelos frequentes apóstrofes de Veléio, pode-se deduzir que a obra foi dedicada a Marco Vinício, Cônsul em 30 d.C.. A dedicatória pode parecer pouco usual se olharmos a grande tradição de Salústio, Tito Lívio e Tácito, que não dedicaram seus trabalhos. Entretanto, dedicatórias são encontradas nas obras de outros historiadores como Coelius Antipater – que parece ter sido o introdutor da dedicatória na historiografia romana (MARINCOLA, 2004, p.55) – Lutatius Catulus, Cornelius Sulla e Hirtius, sendo que os dois últimos dedicaram seus trabalhos por meio de uma carta formal. Não é possível sabermos se o prefácio de Veléio tomou esta forma, mas sabe-se que esta prática epistolar era comum na época em que ele escreveu (WOODMAN, 1975, p. 275).

Então Marco Vinício tinha trinta e cinco anos e descendia de uma família da Campânia que alcançou prestígio pela participação nas guerras do fim da República. Seu avô foi Cônsul em 19 a.C. e amigo de Augusto (SUMNER, 1970, p. 288), Pro-Cônsul da Panônia entre 14 e 13 a.C.; além de ter sido em 11 a.C., já como Legado de

Augusto, Pro-Pretor na Ilíria e ter enfrentado os Dácios entre 10 e 09 a.C., também comandou as tropas da Germânia entre os anos 1 e 4 a.C. e por isso recebeu um Triunfo (SÁNCHEZ MANZANO, 2001, p. 09). Foi sob o comando do pai de Marco Vinício, Públio Vinício, que Veléio Patérculo iniciou sua carreira militar (SUMNER, 1970, p. 288): “Antes, Marco Vinício, tinha começado este posto militar sob a autoridade de teu pai e de Públio Silio [...]” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 101), segundo Sánchez Manzano (2001: 09), desempenhando o cargo de Tribuno Militar. Públio Vinício, por sua vez, foi Pro-Cônsul da Macedônia em 1 a.C. e Cônsul em 2 d.C., juntamente com Públio Alfeno Varo (SÁNCHEZ MANZANO, 2001, p. 09). Em 33 a.C., Marco Vinício foi escolhido por Tibério para desposar sua neta, Drusila (SHOTTER, 2004, p. 82). Com Calígula, ele recebeu o patriciado, permaneceu atuante e familiar na corte, tendo sido Cônsul novamente em 45 d.C.. Morreu em 46 por envenenamento, vítima de Messalina, e recebeu, por ordens de Cláudio, funerais oficiais (SÁNCHEZ MANZANO, 2001: 10). Segundo Woodman (1975, p. 281), Marco Vinício foi considerado um potencial sucessor de Calígula, mas foi Cláudio quem assumiu o poder.

A dedicatória da *História Romana* a Marco Vinício pode ter sido um recurso utilizado por Veléio para moderar o forte elemento panegírico de seu trabalho, em relação a Tibério. O endereçamento dos elogios a Tibério a um amigo da mesma opinião faria com que a história fosse vista como um domínio privado dos dois (MARINCOLA, 2004, p. 56). Neste sentido, nem amizade, nem patronagem justificariam a dedicatória, que seria um artifício retórico para amenizar os desvelados louvores ao Imperador.

A. J. Woodman (1975, p. 273) afirma que a relação entre Veléio Patérculo e Marco Vinício – quinze anos mais novo que Veléio – não ultrapassa este simples fato de o autor ter servido sob as ordens do pai de Vinício. Amizade, portanto, não é suficiente para justificar esta dedicatória, o que não significa poder afirmar que não existiu amizade. O pai de Vinício era grande admirador de Ovídio, autor que está na lista em que Veléio enumera os melhores autores da geração passada (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 36). Este pode não ser um vestígio consistente de amizade, mas não nega certa identidade entre os envolvidos. Também não podemos interpretar como

inocente este gosto literário de Veléio, visto que pode haver significados políticos nesta predileção.

Não se pode afirmar apenas a existência de amizade entre Veléio Patérculo e Marco Vinício, sobretudo porque ao longo da obra que nos chegou não há, entre os muitos vocativos ao Cônsul de 30 d.C., ao menos um em que Veléio se refira a Marco Vinício com o adjetivo de “amigo” (*amicus*), ou faça qualquer alusão a um laço de amizade (*amicitia*). Portanto, muito mais do que pela amizade, a relação de Veléio Patérculo com Marco Vinício provavelmente era balizada pela patronagem.

É difícil definir precisamente a patronagem porque ela apresenta características de outras categorias de relações em que ela emerge. A patronagem caracteriza-se por três traços que a distinguem de outros tipos de relação: envolve uma reciprocidade de proteção e serviços; é uma relação pessoal e de considerável duração, além de ser assimétrica no que diz respeito ao *status* dos indivíduos envolvidos e nos tipos de favores e serviços comungados (SALLER, 200, p.: 01-03).

David Konstan (2005) realizou um importante estudo sobre a configuração da amizade no mundo clássico. O autor afirma que *amicitia* designa em geral a relação específica entre amigos (*amici*), apesar da longa prevalência da idéia de que *amicitia* era a palavra utilizada para fazer referência às relações entre partidos, não possuindo necessariamente um sentimento de intimidade (KONSTAN, 2005, p. 173-174).

Durante o Império, os laços pessoais dentro da aristocracia e entre candidatos políticos alteraram suas configurações à medida que as relações verticais dentro da elite tornaram-se hierárquicas mais abertamente. As ideias de amizade eram adaptadas a diferentes práticas, mas o sentido essencial de um vínculo particular baseado na afeição mútua, liberdade e estima, dentro das capacidades dos respectivos parceiros, perdurou (KONSTAN, 2005, p. 209).

Alguns historiadores concluíram que, durante o Principado – momento em que o *status* pessoal assumiu uma importância maior – a afirmação de amizade entre superiores e inferiores constituía eufemismo para as relações de dependência que seriam mais bem definidas pela patronagem, mesmo quando não sustentadas por um código formal de clientela (KONSTAN, 2005, p. 193). A patronagem, tradicionalmente caracterizada pela “relação pessoal assimétrica, que envolve expectativas de intercâmbios recíprocos com um potencial para a exploração” (KONSTAN, 2005: 192-

193), pode coexistir com a amizade, ou seja, nem toda conexão entre patronos e protegidos é descrita como *amicitia*; quando esse é o caso, o par também é, ou deseja ser, considerado como um par de amigos (KONSTAN, 2005, p. 194).

A avaliação de Marco Vinício como patrono de Veléio Patérculo pode estar correta, considerando-se que o patronato na Antiguidade não se restringia a relações de dependência social ou financeira, mas frequentemente se configurava como uma convenção literária vantajosa para o autor e para o patrono. O patrono literário assistia à prosperidade de seu protegido indicando-o para bons cargos ou para seu próprio secretário na administração Imperial (SALLER, 2002, p. 28). Desta maneira, Marco Vinício pode ser considerado como o patrono de Veléio Patérculo por seu apoio à eleição do autor para a Questura. Esta seria uma maneira daquele com melhor *status* cuidar para que seu protegido desfrutasse de um bom cargo Imperial que lhe traria grande prosperidade.

Veléio Patérculo habilmente dignificou seu trabalho com referências ao Cônsul, para quem foi interessante sua menção na história como um forte apoio de Tibério, além da honra de receber a dedicatória de uma obra durante sua magistratura (WOODMAN, 1975, p. 274). Não era muito frequente um autor honrar um Cônsul, representando a sua magistratura como o fim ou o clímax de uma era. Veléio não apenas fez isto para Marco Vinício, mas também concluiu a narrativa com o ano do seu Consulado (WOODMAN, 1975, p. 274) e fez deste mesmo ano um dos referenciais para as datações dos fatos narrados. Além do Consulado de Marco Vinício, Veléio Patérculo também orienta temporalmente sua narrativa utilizando como referenciais a Guerra de Tróia – “[...] isto se sucedeu quatrocentos e trinta e sete anos depois da queda de Tróia” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 08) – e a fundação de Roma – “No Consulado de Lêntulo e Marcelo, setecentos e três anos depois da fundação da cidade e setenta e oito anos antes que tu, Marco Vinício, iniciasse teu Consulado, se incendiou a guerra civil.” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 49), mas o ano de 30 d.C. predomina nesta função.

Também há, ao longo da narrativa, diversos vocativos ao Cônsul – “Desde este momento até teu Consulado se passaram setecentos e oitenta e um anos” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 08); “Não obstante, não creio que duvides, Marco Vinício, que [...]” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 13); “Escuta falar

agora, Marco Vinício, de um grande homem [...]” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 113) – que sugerem que Veléio Patérculo estaria mostrando a Marco Vinício toda a tradição e glória que ele representaria e defenderia no Consulado. Isto pode sugerir que a obra cumpria uma função moralizadora ou doutrinal em relação ao Cônsul, visto que ao longo da narrativa encontramos não apenas a tradição a ser seguida, mas também muitos exemplos de atos e comportamentos que são claramente condenados pelo autor e, portanto, deveriam ser evitados e combatidos por Marco Vinício. Dentre estes exemplos, podemos citar o modo com que os irmãos Graco tentaram empreender suas reformas, que Veléio Patérculo apresenta como um desvio da ação correta de um político romano.

G. V. Sumner (1970, p. 295) afirma que a dedicatória do livro de Veléio a Marco Vinício pode ter promovido o conhecimento de que Vinício era um candidato a se tornar um dos genros (*progeneri*) de Tibério. Seria esta a principal razão de Veléio dar tanta ênfase a um evento tão efêmero como o Consulado de Vinício: a época da publicação da obra dedicada ao Cônsul de 30 d.C. foi especialmente concebida para anunciar e promover a adesão de Vinício à Casa Imperial. Quando Veléio roga, no último capítulo da obra, aos deuses por um bom sucessor de Tibério, espera ter plantado a ideia de que o Cônsul Vinício seria um poderoso candidato.

O volume deveria terminar com esta oração. Júpiter Capitolino e Marte Gradivo, fundador e protetor dos romanos, e Vesta, guardiã dos fogos perpétuos, e todas as divindades protetoras que têm elevado as mais altas esferas da terra esta grande obra do Império Romano, os invoco e rogo encarecidamente: guarda, mantém, protege esta estabilidade, esta paz, (a este Príncipe) e depois de esgotada uma prolongadíssima residência mortal, destina-lhe sucessores o mais tarde possível, e que sejam capazes de sustentar sobre seus ombros valentemente o império de todas as terras como sabemos que o tem feito este, e os projetos de todos os cidadãos ou piedosos (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 131).

Existe a tese de que, nesta oração, Veléio estaria indiretamente valorizando Sejano como sucessor de Tibério, e não Vinício, cujas perspectivas em 30 d.C. já estariam diminuídas e assombradas pelo Prefeito do Pretório. A oração final seria em última instância um apelo à prudência (SUMNER, 1970, p. 296). Entretanto, o pedido para que os sucessores de Tibério fossem “capazes de sustentar sobre seus ombros valentemente o império de todas as terras [...]” sugere que Veléio Patérculo refere-se a Marco Vinício como um bom sucessor de Tibério, capaz de sustentar a tradição. Seu

objetivo seria exaltar as qualidades de seu patrono e as de sua obra, garantidora da preparação do Cônsul para o Principado, por estar repleta de exemplos transmitidos pela história de Roma.

A dedicatória também habilita alguns pesquisadores a suspeitarem de que Veléio escreveu sua obra em poucos meses e, por isso, em dois volumes pequenos que apresentam uma narrativa breve e lacunar. Marco Vinício permaneceu no cargo de Cônsul de janeiro a junho de 30 d.C.. Supondo que o objetivo do autor era celebrar a honra de Marco Vinício pela publicação do trabalho durante sua magistratura, a data de início da produção da obra pode ter sido a sua designação para o cargo, em 29 d.C.. Isto explicaria as constantes referências à pressa na escrita da obra – “Apesar do rápido avanço de nossa narrativa, não devemos deixar de mencionar este homem.” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 108) ou “[...] nesta carreira precipitada que não me permite deter-me nunca, como levado pela força da roda ou de um turbilhão e de um redemoinho que não me deixa parar [...]” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 16) – embora pareça que ele não concluiu esta tarefa a tempo. Curiosamente, as constantes referências ao Consulado de Marco Vinício como referencial de tempo passam a ser esporádicas a partir da metade do segundo livro.

Após a última referência ao Consulado de Marco Vinício – “[...] setecentos e nove anos depois da fundação da cidade, setenta e dois anos antes que tu, Marco Vinício, começasse teu Consulado” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 65) – o autor utiliza fatos tradicionais na História de Roma como referenciais temporais, tais como as Guerras Púnicas – “Desde que no Consulado de Cipião e Semprônio Longo, no primeiro ano da segunda Guerra Púnica, há duzentos e cinquenta anos [...]” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 90) – e a fundação da cidade de Roma: “[...] e adotá-lo no Consulado de Élio Cato e Caio Sencio, em vinte e sete de junho do ano setecentos e cinquenta e quatro desde a fundação da cidade, a vinte e sete anos.” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 103). Apesar disto, os vocativos ao Cônsul de 30 d.C. permanecem ainda comuns: “Escuta-me falar agora, Marco Vinício, de um grande homem tanto na guerra como nos tempos de paz” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 113); “Quantas dores sofreu seu espírito nos últimos três anos, Marco Vinício!” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 130). Isto sugere que os últimos capítulos podem ter sido escritos depois de junho de 30 d.C.

(SUMNER, 1970, p. 284-285). Raymond J. Starr (1981, p. 171) afirma que esta suposição é questionável, mesmo que as recorrentes referências à natureza restrita do trabalho possam indicar que ele escreveu sob a pressão do tempo, pois o fato de a obra ser uma homenagem a Marco Vinício não prova que apenas a sua nomeação para o Consulado de 30 d.C. fez Veléio Patérculo decidir escrevê-la.

A.J. Woodman (1975) enumera três ocasiões em que Veléio deixa pistas que embasariam esta hipótese: a primeira delas refere-se à grande velocidade com que escrevia: “[...] nesta pressa que não me permite nunca, como levado pela força de um tornado e de um redemoinho que não me deixa parar [...]” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 16). A segunda pista apresenta referência à restrição de seu trabalho: “A grandeza deste homem requer vários volumes, mas as dimensões desta obra exigem que se explique em poucas palavras” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 29); e a terceira diz respeito a aparentes referências sobre sua intenção de escrever uma história maior posteriormente – “Deixamos para uma obra adequada qual era neste momento o aspecto de Roma, quais os ânimos de cada um [...]” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 99).

Entretanto, estas pistas não precisam corroborar a hipótese de que Veléio Patérculo escreveu seu trabalho no espaço de alguns meses. Segundo Woodman (1975, p. 280), rapidez e brevidade são simplesmente formas técnicas de descrever a seleção ou pesquisa do material e não implicam necessariamente escrita rápida no sentido literal. A única base sólida para assumir que ele começou a escrever em 29 d.C. seria a dedicatória a Marco Vinício. Contudo, R. J. Starr (1981, p. 170) menciona a hipótese de que Veléio tenha começado a escrever sua obra em certa época e então, durante a comemoração ou depois da composição concluída, tenha inserido as referências a Marco Vinício, já que outras indicações cronológicas também são utilizadas, como demonstra o exemplo a seguir:

Depois, (as Olimpíadas) o espetáculo mais famoso de todos e a competição mais eficaz para o desenvolvimento da resistência do corpo e do espírito, teve por fundador Ífito de Élide. Instituiu esses jogos e suas feiras oitocentos e vinte e três anos antes que tu, Marco Vinício, comesasse teu Consulado (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*, 08).

Apenas a organização das Olimpíadas já era uma referência temporal suficiente para a parte inicial da história; além disso, a menção a Vinício é uma sentença

independente daquela que a antecede, o que levanta a suspeita de ser uma adição posterior. Portanto, estes argumentos não nos permitem afirmar ao certo em que época Veléio escreveu (STARR, 1981, p. 171).

Starr (1981, p. 172) concorda com A. J. Woodman sobre a brevidade da obra ter sido uma escolha de Veléio, não uma consequência da limitação do tempo para a escrita. A promessa de concisão, como duas passagens do livro dois sugerem – “A salvaguarda da prometida brevidade determina em que medida deve-se explicar tudo em seu desenvolvimento” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 55); e “Nós, recordando o que dissemos, apresentamos diante dos olhos e da mente de nossos leitores uma imagem geral do Principado” (VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana II*, 89) – estava presente no prefácio da obra, e este compromisso não era incomum na época: Valério Máximo, apesar de não ser um historiador, avisa ao leitor em seu prefácio que será breve, assim como o prefácio da obra de Floro, que também apresenta uma certeza de brevidade (STARR, 1981, p. 163). Veléio Patérculo poderia ter o desejo de agregar a seu trabalho a característica de brevidade que Quintiliano e Dionísio de Halicarnasso viram em Tucídides e Salústio. Esta tese, entretanto, inspira cuidados: a brevidade de Salústio consistia na habilidade de dizer tudo em menos palavras possível, algo parecido ao aplicado por Tucídides. Mas é improvável que Veléio quisesse reivindicar para si uma qualidade que seu estilo pleonástico e bajulador não apresenta (WOODMAN, 1975, p. 279).

Na *História Romana*, encontramos uma combinação de elementos da História universal escrita com uma total ênfase na brevidade. Este modelo de escrita histórica, o sumário universal, parece ter sido popular no tempo em que Veléio escreveu (WOODMAN, 1975, p. 285-287). Na tradição da escrita histórica romana, alguns historiadores – tais como L. Cassius Hermino e L. Scribonius Libo – atendem a um ou dois destes critérios, mas a combinação de universalidade e de brevidade é única em Veléio. Tal fato pode ser explicado pelo contexto em que viveu o autor: um mundo bilíngue em que a produção histórica grega, assim como a romana, influenciou o relato. Tanto a Grécia quanto Roma não produziu um único historiador que possa ser considerado como um completo paralelo para Veléio. Vários autores apresentam algumas semelhanças com ele, mas nenhum pode ser considerado seu completo modelo (STARR, 1981, p. 266-269).

Os motivos que levaram Veléio a escolher este modelo de escrita não são fáceis de apontar, mas a utilidade, a praticidade diária parece ser a chave para explicá-lo. O desejo de utilidade pode ajudar a explicar a presença das Histórias romana e não romana e da História da literatura, incluída talvez porque Veléio procurou ser o mais acessível possível. Homens de baixo *status* e que não esperavam uma carreira pública compunham a larga audiência da história, pois os romanos, como os gregos, apresentavam suas histórias em lugares públicos, tais como o Fórum, os banhos ou o teatro (MARINCOLA, 2004, p. 28).

R. J. Starr (1981, p. 173-174) enumera três prováveis grupos que formavam o público da obra de Veléio Patérculo: o primeiro deles seria formado por homens que, por várias razões, desejavam uma breve revisão da História. O segundo destes grupos seria o daqueles homens que receberam uma pequena ou informal educação, mas que queriam ter o mínimo do conhecimento da História. E o terceiro e último grupo poderia ser formado pelos estudantes propriamente ditos. A obra de Veléio pode ter provido-os com um rápido e útil olhar completo com os mais famosos exemplos que eles poderiam usar em seus exercícios de retórica.

Desta maneira, pode-se explicar a escolha da brevidade na escrita de uma História universal pela audiência a que a obra era destinada, ou seja, para o público que desejava acessar uma história ampla em sua temática e breve em sua extensão. Seria, assim, um tipo diferente de História para um tipo diverso de público, com necessidades particulares (STARR, 1981, p. 174). A obra seria uma História universal em miniatura, designada para entretenimento e instrução (SUMNER, 1970, p. 282). Segundo John Marincola (2004: 28), a tradição da História Universal, surgiu no final da República – com Varrão, Ático, Cornélio Nepote – e continuou durante o Império, quando Veléio Patérculo, Granius Licinaus, Floro e Eutrópios herdaram esta tradição (MARINCOLA, 2004, p. 29).

A *História Romana* de Veléio Patérculo foi escrita no início do século I d.C., e dedicada a Marco Vinício devido à relação de patronagem que havia entre o autor e o Cônsul de 30 d.C.. A obra foi escrita utilizando o método denominado *transcursus* e pode ser considerada como um exemplo de história (ou sumário) universal; sendo enquadrada na tradição, surgida ao final da época republicana, da escrita de pequenos compêndios históricos para serem lidos em locais públicos. A *História Romana* nos

apresenta interessantes descrições de personalidades históricas (como o retrato de Júlio César) e uma peculiar explicação sobre a evolução da literatura latina. A *História Romana* pode ser vista como uma narrativa lacunar, em relação aos fatos narrados, e adulatória no que se refere ao Imperador Tibério, mas estas características devem ser entendidas como escolhas do autor, pois sabemos que a configuração de qualquer obra não é escolhida por acaso, e uma análise mais detida nos permitirá apontar as possíveis intenções do autor ao fazer suas escolhas do estilo de narrativa, dos fatos a serem narrados e das opiniões acerca dos temas contidos na obra.

Assim, nenhuma escrita é inocente em suas escolhas e opiniões. Os autores sofrem influências dos valores de suas épocas e moldam suas narrativas visando algum objetivo, algum interesse, seja ele ascensão política, afirmação da autoridade de sua obra como fonte de conhecimento do passado, ou demonstração de gratidão aos dirigentes políticos.

BIBLIOGRAFIA

A) DOCUMENTOS TEXTUAIS

TITE-LIVE. *Histoire Romaine. T XIII: Livre XXIII*. Trad. Paul Jal. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

TITO LIVIO. *História de Roma ab urbe condita libri XXIII*. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1990.

VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

_____. *História Romana II*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001.

VELLEIUS PATERCULUS. *Histoire Romaine T I: Livre I*. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

_____. *Histoire Romaine T II: Livre II*. Trad. Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

B) OBRAS GERAIS

BROWDER, Diana. *Quem foi quem na Roma antiga*. São Paulo: Art, 1980

- DENCH, Emma. Romulus' Asylum: the Character of Roman Citizenship. In: _____ . *Romulus' Asylum: Roman Identities from the Age of Alexander to the Age of Hadrian*. New York: Oxford, 2005. p. 93-151.
- FANTHAN, Elaine. *Roman Literary Culture: from Cicero to Apuleius*. London: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- GIL, Luis. *Censura en el mundo antiguo*. Madrid: Alianza, 1985.
- GOODMAN, Martin. *The Roman World*. London: Routledge, 1997.
- GOWING, Alain M. *Empire and Memory: The Representation of Roman Republic in Imperial Culture*. Cambridge University Press, 2005.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Setenta, 1993.
- LEVICK, Barbara M. *Tiberius: the Politician*. New York: Routledge, 1999.
- KONSTAN, David. *A Amizade no Mundo Clássico*. São Paulo: Odysseus, 2005.
- MARINCOLA, John. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PETIT, Paul. *A Paz Romana*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- SALLER, Richard P. *Personal Patronage under the Early Empire*. Cambridge: University Press, 1982.
- SÁNCHEZ MANZANO, Maira Assunción. Introdução. In: VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana I*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos, 2001. p. 7-30.
- SEAGER, Robin. *Tiberius*. London: Blackwell, 2005.
- SHOTTER, David. *Tiberius Caesar*. London: Routledge, 2004.
- SOLODOW, Joseph B. et alli. *Latin Literature: a History*. New York: Johns Hopkins University Press, 1999.
- STARR, R. J. The Scope and Genre of Velleius' History. *The Classical Quarterly*. London, v. 31, nº1, p. 162-174, 1981.
- SUMNER, G.V. The Truth about Velleius Paterculus: Prolegomena. *Harvard Studies in Classical Philology*. New York, v. 74, p. 257-297, 1970.
- WOODMAN. A. J. Questions of Date, Genre, and Style in Velleius: Some Literary Answers. *The Classical Quarterly*. London, v. 25, nº2, p. 272-306, 1975.